

RESUMOS

RESUMOS

Documentos de Origem Católica e Budista nas Bibliotecas de Macau

As actividades religiosas e culturais têm um impacto consideravelmente forte sobre os recursos documentais que constituem o produto do desenvolvimento social. Uma vez que Macau tem sido sempre uma região especial, tanto para os chineses como para os estrangeiros, a prática de actividades religiosas e culturais diversas também deu origem ao estabelecimento, em Macau, de recursos documentais pluralistas ou especiais e multi-facetados. Os objectivos que presidem a este artigo são: investigar os recursos documentais produzidos pelas actividades católicas e budistas em Macau, revelar alguns registos documentais clássicos de valor incalculável, dos séculos XVI e XVII, e que estiveram ocultos durante centenas de anos, e analisar os motivos da sua formação e desenvolvimento, assim como o seu valor histórico. Além disso, este artigo visa igualmente examinar as diferenças de influência das actividades religiosas e culturais, orientais e ocidentais, nos recursos documentais.

[Autor: Helen Ieong Hoi Keng, pp. 6-25]

Sincretismo Religioso: a Harmonização do Budismo e do Tauismo no Lian Feng Miao (Templo do Pico do Lótus) de Macau

Encaixada entre as entidades políticas portuguesa e chinesa e duas culturas dominantes na periferia do Sul da China, Macau deu origem a um interface entre crenças religiosas diversas. Apesar do ardor com que os missionários portugueses tinham apresentado a Cristandade como uma “missão de civilização”, não conseguiram substituir ou eliminar as crenças Budistas-Tauistas. Macau permanece um bastião religioso chinês, onde prolifera uma multidão de divindades. A maioria dos chineses em Macau parecem defender um espírito panteísta, através do sincretismo religioso de diversas crenças. A tradição sincrética tem sido o centro da vida religiosa dos chineses desde a dinastia Ming (1368 -

1644), um período de desenvolvimento espiritual. As práticas sincréticas, assim como a tradição politeísta dos sistemas de crenças chineses, são melhor ilustradas no Lian Feng Miao (Templo do Pico do Lótus). Este templo transgride, venerando todo um leque de divindades, independentemente das diferenças doutrinárias e, escusado será dizer, oferece um *pot-pourri* de crenças para satisfazer as exigências dos devotos. Sendo sobretudo devotado a dois seres imortais principais — Tian Hou (a Deusa do Mar do Tauismo) e Guan Yin (a Deusa da Misericórdia budista), também venera figuras históricas, divindades mitológicas/populares e imperadores lendários, situando-os na história chinesa inicial. Em especial, existe uma *mélange* de sobrenaturais evermerizados, que foram sobretudo retirados de venerandas narrativas ficcionais, por exemplo *Feng Shen Yan Yi* (Criação dos Deuses), *San Guo Yan Yi* (O Romance dos Três Reinos), e *Xi You Ji* (Registo de uma Viagem ao Paraíso Ocidental). Estes antigos textos literários servem como veículo para que o Tauismo consolide o seu *status* como a religião autóctone chinesa. O rico repertório dos mitos chineses e símbolos religiosos no Lian Feng Miao ajuda a inspirar e a apoiar os chineses em experiências colectivas de solidariedade e identidade em Macau.

[Autor: Christina Miu Bing Cheng, pp. 26-43]

A Garganta: Os Jesuítas da China e o Colégio de Macau, 1579-1623

Desde meados do século XVI, até ao século XVIII, o Colégio de Macau serviu de sede a todas as missões da Companhia de Jesus na Ásia Oriental. No entanto, as suas relações com as diferentes acções que dirigia eram frequentemente ambíguas e por vezes complicadas. Este artigo examina as relações entre o esforço missionário jesuíta na China e este importante centro administrativo, revelando que, apesar da sua localização nos limites do império Ming, as suas prioridades estavam noutra local. Embora o colégio tenha sido

fundado com o objectivo de formar missionários para as missões da Companhia no Japão, China, e Sudeste da Ásia, as necessidades da acção no Japão, em rápida expansão, dirigiram as suas atenções. Quando a missão da China foi fundada, em 1579, assumiu um papel claramente secundário em relação ao colégio e no decorrer das décadas seguintes os seus missionários teriam de lutar para estabelecer laços com ele. Por um lado, um estabelecimento numa cidade controlada por portugueses, tão perto de Cantão, teria sido um posto de comando ideal para os seus esforços e um importante santuário em épocas de perturbação. Por outro lado, as ligações do colégio (e da cidade) com o Japão, o principal inimigo marítimo dos Ming nesta época, tornavam suspeitas quaisquer relações entre os Jesuítas da China e Macau aos olhos das autoridades imperiais. Durante o período examinado, estes missionários tentaram estabelecer instalações para aprendizagem de línguas e separar os seus alojamentos dos seus equivalentes do Japão, mas sem sucesso. Por volta de 1623, no decorrer da crise que destruiu a missão no Japão, os Jesuítas da China abandonaram as suas ligações com o colégio e moveram as suas operações para o interior das fronteiras Ming. Isto coincidiu com diversos outros factores, incluindo a falhada invasão holandesa de Macau, a separação oficial entre a Província do Japão da Companhia e a recém-fundada Vice-Província da China e o fim das perseguições Nanjing. Ao separarem-se da decadente missão do Japão e da sua sede, os missionários da China voltaram as suas atenções para as suas comunidades cristãs em expansão para Norte.

[Autor: Liam M. Brockey, pp. 44-55]

Do Método para Recitar o Rosário à Vida Ilustrada de Cristo. Sobre as Gravuras Católicas do Último Período da Dinastia Ming

Até aos nossos dias, a atenção do mundo das artes concentrou-se principalmente nas obras dos pintores ocidentais que

trabalharam na corte imperial chinesa desde o imperador Kangxi até ao imperador Qianglong. Por um lado, porque as obras de Giuseppe Castiglione e de outros pintores ocidentais se conservarem até hoje em bom estado sendo ainda muito apreciadas, e, por outro, não serem as primeiras ilustrações concebidas para os livros católicos classificadas como trabalhos de arte. Mas, de facto, no período compreendido entre o final da dinastia Ming e o início da dinastia Qing, quando já se tinham iniciado as actividades missionárias dos Jesuítas na China, tanto os missionários como os chineses convertidos à fé católica manifestaram grande interesse pela arte religiosa. Os missionários socorreram-se da beleza das obras de arte como meio de propagação do cristianismo junto dos funcionários da corte imperial e da população. Por isso, e devido os seus notáveis esforços, os livros com ilustrações religiosas passaram a ser enviados para a China. Desde então, cada vez mais chineses começaram a conhecer e imitar a arte do Ocidente. Ao mesmo tempo surgiram pessoas que se opunham ao cristianismo. Mas mesmo estas não ignoraram a arte da gravura. Por exemplo, na sua obra *Não Há Outra Alternativa*, Yang Guangxian, um dos detractores da religião católica, utilizou três gravuras para suportar a sua posição. O presente artigo, baseando-se em documentos publicados nos últimos anos, debruça-se sobre a arte da gravura católica em chapa de cobre durante o último período da dinastia Ming.

[Autor: Mo Xiaoye, pp. 56-72]

Os *Wugongchuan* (“Barcos Centípedes”) e os Portugueses

Diversas fontes do período Ming referem os barcos tradicionais chineses. Um dos tipos de embarcação era o chamado *wugongchuan*, ou “barco centípede”.

Ilustrações e descrições desta embarcação podem encontrar-se, por exemplo, em *Nan chuan ji*, *Longjiang chuanchang zhi*, *Qian tai wo zuan*, *Chouhai tubian*, *Wu bei zhi* e outros trabalhos. De acordo com estes textos, o *wugongchuan* tinha dois mastros e vários remos de cada lado, assemelhando-se por isso a determinadas embarcações do

Sudeste asiático e às *galés* portuguesas. Equipados com canhões *folangji*, construídos segundo “protótipos” europeus, os “barcos centípedes” eram considerados poderosos e altamente eficientes vasos de guerra, que podiam actuar quase independentemente das condições climáticas e facilmente destruir uma frota inimiga. Diversos textos sugerem ainda que estas embarcações surgiram inicialmente na China após os conflitos sino-portugueses de 1521/1522. Durante estes conflitos terá alegadamente sido passado o conhecimento de como fabricar canhões *folangji* e de como construir *wugongchuan* aos especialistas Ming em assuntos de guerra. No entanto muitos detalhes deste processo, que envolvia a província de Guangdong e as autoridades em Nanjing, a “capital do sul” da China, permanecem desconhecidos porque existe informação parcialmente contraditória nas fontes. Um dos problemas deriva do facto de, segundo alguns contemporâneos, a China não ter necessidade real de “copiar” embarcações estrangeiras; poderia facilmente equipar os seus próprios vasos com artilharia moderna e remos, atingindo assim resultados militares comparáveis. Na verdade, parece que apenas muito poucos “verdadeiros” *wugongchuan* foram construídos no início do século XVI e que alguns anos depois a sua construção parou por completo. Isto presente-se, por exemplo, em *Longjiang chuanchang zhi*. O presente trabalho expõe estas e outras questões. Comparam-se diversos textos e discutem-se pormenores em aberto, um por um. Também se dedica uma breve consideração à possibilidade de a China ter adquirido conhecimento tecnológico, não exclusivamente através dos Portugueses, mas também através do Sudeste da Ásia. No geral, a “história” do *wugongchuan* é um caso interessante de “transferência de tecnologia” e, certamente, também das relações sino-portuguesas do início do século XVI.

[Autor: Roderich Ptak, pp. 73-83]

As Raízes Chinesas da Moderna Tecnologia Ocidental

É inegável que as civilizações chinesa e semítico-europeia são duas das mais importantes civilizações a nível mundial. Contudo, até há pouco tempo, os

historiadores e os etnólogos descuraram o estudo das relações entre estas duas macrocivilizações no respeitante à sua contribuição recíproca na dinâmica da cultura a nível ecuménico, nomeadamente no domínio da ciência e da tecnologia. À medida que nos finais do séc. XIX / primeiras décadas do séc. XX começaram a surgir, na Europa, trabalhos de muito mérito acerca das civilizações orientais (sendo de referir, no que respeita à China, os Padres Huc, Gervais-Eudore Colomban, Henri Dorée entre outros e os sinólogos Marcel Granet, Edouard Chavannes, Henri Maspero, John Dyer Ball, Parker, Dennys e o próprio Lin Yutang), que revelaram a contribuição das civilizações asiáticas no desenvolvimento da ciência ecuménica, nasceu e desenvolveu-se um verdadeiro movimento eurocêntrico apresentando novas teses que pretendiam defender a originalidade da ciência ocidental, exaltando, de modo por vezes exagerado, o papel dos gregos e defendendo que não só a ciência moderna mas a própria ciência como tal são específica e exclusivamente europeias, e isso desde o seu início. A verdade, porém, é que estudando as fontes chinesas e comparando as datas das espantosas inovações que, ao longo dos séculos, nasceram no Império Celeste, fácil é constatar a importância que estas tiveram no desenvolvimento do pensamento, da ciência e da tecnologia ocidentais. O presente trabalho procura analisar o porquê do rápido avanço tecnológico do Ocidente a partir do século XVIII, ao mesmo tempo que, na China, se assistia a uma aparente estagnação da sua ciência antiga tão florescente e, também, a influência que as trocas recíprocas de conhecimentos através do corredor da Ásia Interior tiveram na evolução científica das maiores civilizações mundiais: a chinesa e a semítico-europeia.

[Autor: Ana Maria Amaro, pp. 84-97]

Cidade de Museus: Reflexões acerca de Macau em Exposição

Este trabalho, originalmente escrito em 1998, assinala a “febre de museus” que contagiou a cidade de Macau nos anos que antecederam a transferência de

RESUMOS

soberania (uma época durante a qual foram construídos oito novos museus), e tenta analisar as implicações deste fenómeno. O trabalho sustenta que a proliferação de museus é mais do que uma simples estratégia de marketing levada a cabo pelo gabinete de turismo; as qualidades específicas do museu como instituição fazem dele uma magnífica lente através da qual podemos compreender melhor as preocupações e prioridades culturais, políticas e económicas do estado e da sociedade em Macau. Esta questão é tratada colocando o fenómeno dos anos 90 no contexto do recente trabalho sobre “estudos museológicos” realizado em outros países e regiões e no contexto da centenária história dos museus em Macau. Três “eras” principais no desenvolvimento dos museus em Macau emergem desta análise, cada uma aproximadamente representada por três instituições-chave: o Museu Luís de Camões, o Museu Marítimo e o Museu de Macau. São delineadas as diferenças e semelhanças entre estes museus e as suas respectivas “eras” e retiram-se conclusões preliminares acerca do significado da “febre de museus” na Macau da era de transição.
[Autora: Cathryn Clayton, pp. 98-124]

Palavras do Patois de Macau em Inglês?

O patois de Macau (Português Crioulo de Macau) é uma variedade discursiva praticamente desconhecida fora do mundo linguístico português. Aqueles que o estudam reconhecem a sua composição ecléctica, uma amálgama de uma língua ocidental (o português) com diversas línguas do Sudeste Asiático. Esta mistura distinta produziu um crioulo baptizado com muitos nomes, tais como ‘doçi lingua di Macau’ (a doce língua de Macau). Esta linguagem é representativa de uma “crioulização” produzida pela mescla de uma cultura ocidental com diversas culturas do Sudeste Asiático, onde sujeitos e aliados do Império Português em tempos se aventuraram em busca de fama e fortuna, nesta vida e na seguinte. Posteriormente, o Império Britânico suplantou o Português e o inglês tornou-se gradualmente a língua estrangeira dominante na região. Para que isto acontecesse, o inglês tomou de empréstimo palavras aos diferentes povos, culturas e locais que os seus falantes encontraram, fazendo destas palavras propriedade sua. Os empréstimos foram feitos directa ou indirectamente, fazendo uso de intermediários, linguistas ou

intérpretes, que os assistiam nas incursões pela Ásia actuando como pontes de comunicação. Neste caso, alguns historiadores têm falado de uma “língua franca portuguesa” que era utilizada nos negócios e no comércio entre os países orientais e ocidentais nesta região. Alguns referiram-se a esta língua franca como patois de Macau. O objectivo deste trabalho é examinar se o patois de Macau, falado pelos seus falantes indígenas, os macaenses (dos quais alguns trabalharam como intérpretes), teve um papel na aquisição pelo inglês das palavras emprestadas na região. No decurso deste estudo foram reunidas diversas palavras consideradas como pertencentes ao patois de Macau, reduzidas a vinte e duas, e foram feitas análises posteriores, com base nas suas etimologias encontradas no *Oxford English Dictionary* e *Hobson Jobson*, dois célebres dicionários etimológicos de inglês. Embora os achados não tenham sido conclusivos, é apresentada uma lista de oito palavras, como sendo palavras provavelmente introduzidas, directa ou indirectamente, do patois de Macau no inglês. Apresentam-se recomendações para pesquisa posterior, para determinar se o patois de Macau foi o precursor do inglês “pidgin”.
[Autor: Peter Cabrerros, pp. 126-151]

ABSTRACTS

An Exploration of Documents from Catholic and Buddhist Sources in Macao Libraries

Religious and cultural activities have a considerable impact on documentary sources, a product of social development. Given that Macao has always been a special region for both Chinese and foreigners, the practice of various religious and cultural activities has resulted in pluralistic or multi-faceted documentary sources. This article investigates the documentary sources produced by Catholic and Buddhist activity in Macao, and brings to light some invaluable records dating from the sixteenth and seventeenth centuries that have been hidden for hundreds of years. The article explores the background behind their formation and development, as well as

their historical value. Additionally, there is an examination of the differing influences of eastern and western religious and cultural activities on documentary sources.
[Author: Helen Ieong Hoi Keng, pp. 6-25]

Religious Syncretism: the Harmonization of Buddhism and Daoism in Macao's Lian Feng Miao (The Lotus Peak Temple)

Straddling the Chinese and Portuguese political entities and two dominant cultures at the periphery of South China, Macao has given rise to an interface of various religious beliefs. Although the Portuguese missionaries ardently introduced Christianity in the guise of a “civilizing mission”, they failed to replace or erase the Buddhist-Daoist faiths. Macao remains a Chinese religious bastion where

multitudinous deities proliferate. Most Chinese in Macao apparently advocate a pantheistic spirit through religious syncretism of diverse beliefs. The syncretic tradition has been central to the religious life of the Chinese since the Ming dynasty (1368-1644), a period of spiritual breakthrough. The syncretic practices, as well as the polytheistic tradition of the Chinese belief systems, are best illustrated in Lian Feng Miao (the Lotus Peak Temple). This temple transgresses religious boundaries to enshrine a whole gamut of divinities regardless of doctrinal differences, and needless to say, offers a potpourri of beliefs to meet worshippers' requirements. While the temple is chiefly dedicated to two main immortals—Tian Hou (the Daoist Goddess of the Sea) and Guan Yin (the Buddhist Goddess of